



PSICOLOGIA HOSPITALAR E O CUIDADO ENQUANTO SER PARA A MORTE: DIÁLOGOS ENTRE KUBLER-ROSS E HEIDEGGER

Pablo Raphael Ribeiro Dias¹
pabloribeirodiaz@gmail.com

Vanessa Souza Eletherio de Oliveira²
vanessaeletherio@gmail.br

RESUMO

Esse trabalho visa mostrar em que medida a fenomenologia de Martin Heidegger e a teoria sobre a morte e o morrer proposta por Kubler-Ross podem se relacionar sobre o cuidado enquanto ser para a morte. Para realizar tal tarefa, os objetivos específicos foram: i) identificar o modo como Kubler-Ross compreende o cuidado diante da morte; ii) descrever a compreensão Heideggeriana sobre o cuidado; iii) apontar como a fenomenologia proposta por Heidegger pode contribuir sobre o fenômeno do cuidado na perspectiva teórica sobre a morte e o morrer. A trajetória metodológica percorrida procurou proporcionar uma reflexão teórica acerca do cuidado, buscando o encadeamento de um argumento acerca do tema proposto. Na teoria sobre a morte e o morrer, o cuidado é representado com mecanismos de defesa dos quais sujeitos ao se deparar com a finitude no ambiente hospitalar, utilizam como forma de encarar o processo de morrer. Por outro lado, a tese Heideggeriana é que sendo, somos sempre para a morte, tendo como fenômeno originário da existência o cuidado. Não se trata de, ao se encontrar diante da morte cuidar-se; sim de ter o cuidado como fundamento existencial. Isso pressupõe que fugir ou negar diálogos sobre a morte no dia-a-dia são modos que ressoam o fenômeno existencial originário. Com isso, tornar-se-á visível que os mecanismos propostos por Kubler-Ross podem ter seu fundamento no cuidado originário. O trabalho fenomenológico aqui tratou de proporcionar ao psicólogo hospitalar, uma “espécie de limpeza de terreno” em que cada psicólogo/pesquisador tendo essa abertura no campo compreensivo, pode decidir se segue a proposta teórica por Kubler-Ross ou se busca uma nova análise acerca dos conceitos fundamentais dessa teoria.

Palavras-Chave: Cuidado; Fenomenologia; Heidegger; Kubler-Ross; Morte.

ABSTRACT

This paper aimed to show the extent to which Martin Heidegger's phenomenology and Kubler-Ross's theory of death and dying can relate to care as a being for death. To accomplish this task, the objectives are: (i) to identify how Kubler-Ross understands caring for death; ii) describe Heidegger's understanding of care; iii) to point out how the

¹ Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Estácio do Recife.

² Graduada, Mestre e Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Especialista pela Universidade Católica de Pernambuco.



phenomenology proposed by Heidegger can contribute to the phenomena of care in the theoretical perspective on death and dying. The methodological trajectory covered sought to provide a theoretical reflection about care, seeking the linking of an argument about the proposed theme. In the theory about death and dying, care is represented with defense mechanisms which, when confronted with finitude in the hospital environment, use as a way of facing the dying process. On the other hand, the Heideggerian thesis is that being; we are always to death, having as originary phenomenon of existence the care. It is not, when faced with death, to take care of himself; but to take care as an existential foundation. This presupposes that escaping or denying dialogues about death in everyday life are ways that resonate with the original existential phenomenon. In this way, it will become clear that the mechanisms proposed by Kubler-Ross can have their basis in the original care. The phenomenological work here has sought to provide the hospital psychologist with a "kind of cleansing of the ground" in which each psychologist / researcher having this openness in the understanding field can decide whether to follow the theoretical proposal by Kubler-Ross, or to seek a new analysis about the fundamental concepts of this theory.

Keywords: Care; Phenomenology; Heidegger; Kubler-Ross; Death

INTRODUÇÃO

O/a Psicólogo/a Hospitalar atua na instituição hospitalar de diversas maneiras. De acordo com Angerami-Camon (2010), este profissional atende diversos pacientes e em vários setores do hospital, favorecendo a expressão de sentimento diante do adoecimento, hospitalização e morte, dentre outras questões.

A psicologia hospitalar caracteriza sua prática na possibilidade de proporcionar uma escuta ao paciente e aos familiares que se encontram no hospital. Um aspecto fundamental da psicologia no âmbito hospitalar é analisar os modos como os pacientes e familiares lidam com o adoecimento. “A psicologia hospitalar é o campo de entendimento e tratamento dos aspectos psicológicos em torno do adoecimento” (SIMONETTI, 2004, p. 15).

Em alguns casos, como por exemplo, quando o paciente é acometido de uma doença fora de possibilidade terapêutica, é possível observar como os pacientes lidam com a sua morte, isto é, sua finitude. Segundo Kubler-Ross (1996, p.13) “a morte nunca é possível quando se trata de nós mesmos”. Nota-se que a morte é pensada como algo que não nos acomete ou que está longe de nós. Nesse sentido, cabe ao psicólogo hospitalar trabalhar junto ao paciente suas formas de cuidar de si diante da morte.

Ainda de acordo com Kubler-Ross (1996), quanto mais à ciência avança, mais tememos e negamos a morte. A evolução científica faz com que a morte pareça algo que podemos superá-la. Por isso, nessa perspectiva, lidar com a morte em um leito de hospital é também perpassar por uma construção do morrer que se ergueu ao longo da vida. Cuidar de si diante da morte significa primeiramente, encarar sua finitude, antes quase nunca pensada pelo sujeito, endossada pela ciência que nos proporciona dispensar a morte da nossa lida diária. Em outras palavras, cuidar de si como mostra Foucault (2006) será considerado como um primeiro despertar.



Por outro lado, Martin Heidegger, filósofo alemão, tem em seu trabalho a morte não como algo a se superar ou como um mero evento que nos acomete. De acordo com Heidegger (2015), entende-se que o *Dasein*³ não tem um fim onde chega e simplesmente cessa, mas existe finitamente. Ou seja, eu sou o tempo inteiro para o fim. No sentido de a morte ser uma possibilidade iminente.

O cuidado é visto aqui como "Fundamento" humano. Todo modo de ser do humano é compreendido como um modo em que enquanto se é para a morte, o homem é determinado pelo cuidado. O ser do ser-á (*Dasein*) deve tornar-se visível em si mesmo como cuidado (HEIDEGGER, 2015). O cuidado não significa apenas como corriqueiramente se aponta um modo de lidar com um filho ou com sua saúde por exemplo. Descuidar, relaxar, renunciar, negligenciar são vistos aqui como modos de cuidado. Em outras palavras, 'sendo', eu sou cuidando de mim.

A partir de estudos em fenomenologia e do estágio em psicologia hospitalar, no qual tive a oportunidade de me relacionar diretamente com pessoas acometidas por doenças fora de possibilidade terapêutica, foi possível observar como a psicologia pode funcionar no hospital. Nesse tempo, tive como norte teórico a perspectiva de Kubler-Ross (1996) sobre a morte e o morrer.

A relevância desse trabalho consiste em mais do que meramente descrever o cuidado nessa ou naquela teoria. Fundamenta-se, portanto, em analisar sobre possibilidades os modos do cuidado, em especial, o cuidado enquanto ser para a morte. Proporcionando assim, uma reflexão a psicologia hospitalar sobre o fenômeno do cuidado. O trabalho propõe investigar em que medida a filosofia Heideggeriana e a teoria sobre a morte e o morrer podem se relacionar sobre o cuidado?

Diante do exposto, tem-se como objetivo geral: proporcionar um diálogo entre a fenomenologia de Martin Heidegger e a perspectiva teórica da morte e morrer proposta por Kubler-Ross acerca do cuidado enquanto ser para a morte. Como objetivos específicos: identificar o modo como Kubler-Ross compreende o cuidado diante da morte; descrever a compreensão Heideggeriana sobre o cuidado; e apontar como a fenomenologia proposta por Heidegger pode contribuir para a compreensão do fenômeno do cuidado na perspectiva teórica sobre a morte e o morrer.

Escolheu-se o aporte teórico de Kubler-Ross (1996), por se tratar de uma teoria muito relevante em relação à morte; sendo tratado como um dos apoios para a psicologia hospitalar no âmbito do lidar com pacientes fora de possibilidade terapêutica e cuidados com a morte.

A hipótese desse trabalho é que colocando o cuidado à luz da fenomenologia hermenêutica, pode-se proporcionar uma nova compreensão sobre esse fenômeno. Nesse sentido as fases do luto sendo vistas existencialmente são apenas modos, que podem ter suas raízes fundadas no cuidado originário proposta pela analítica existencial.

³ A expressão cujo significado literal é "Ser-á" é utilizada por Heidegger em seus tratados filosóficos para determinar o modo de ser de um ente que compreende ser. A saber, o ente que somos enquanto humanos. Essa questão será discutida ao longo do texto.



1. MÉTODO

Foi utilizada no presente trabalho a abordagem qualitativa de pesquisa. Segundo Minayo (2002), a pesquisa de cunho qualitativo se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado.

A trajetória metodológica percorrida por esse trabalho procurou proporcionar uma reflexão teórica acerca do cuidado; buscando o encadeamento de um argumento acerca do tema proposto. Para tanto, as leituras Filosóficas (HEIDEGGER; 1927/2015, 1947/2017) e as leituras acerca da morte e o morrer (KUBLER-ROSS; 1978/2005/, 1926/1996) compuseram a base de reflexão teórica deste artigo.

Consta nesse trabalho, alguns livros de autores que pensam a filosofia Heideggeriana (ABDALA, 2017; GORNER, 2017; KAHLMEYER-MERTENS 2015; NUNES, 2002; ROCHA, 2011) e alguns livros de autores que discutem o cuidado e a morte na teoria sobre a morte e o morrer (ELIAS, 2001; CASTRO-ARANTES, 2016).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente trabalho divide-se em quatro etapas: i) identificar o modo como Kubler-Ross compreende o cuidado diante da morte; ii) descrever a compreensão Heideggeriana sobre o cuidado; iii) apontar como a fenomenologia proposta por Heidegger pode contribuir sobre o fenômeno do cuidado na perspectiva teórica sobre a morte e o morrer.

2.1 *Kubler-Ross e o cuidado diante da morte*

A morte é algo que faz parte da nossa existência. Não se trata de um possível evento; trata-se de uma certeza, um acontecimento que tendemos a não falar sobre, chegamos até a rejeitar tocar nesse tipo de assunto em nossos diálogos diários.

Segundo Kubler-Ross (1996) se não podemos negar a nossa morte, pelo menos, podemos dominá-la. Essa dominação se dá pelo avanço tecnológico e científico que proporciona cuidados cada vez mais relacionados à saúde com o corpo, deixando de lado a morte, sem a menor perspectiva de problematizá-la no dia-a-dia.

Segundo Elias (2001), a morte é um dos grandes problemas biossociais da vida humana, uma vez que é empurrada mais e mais para os bastidores da vida social. Por muitas vezes, ela só é refletida, quando nos deparamos com a perda de alguém ou em um estado de saúde em que a possibilidade da morte, aparece como algo próximo.

Kubler-Ross (1996) aponta que a morte constitui ainda um acontecimento pavoroso. O que mudou foi nosso modo de lidar com ela e com os pacientes que estão falecendo. Nota-se aqui que com o avanço da ciência, nos casos dos pacientes fora de possibilidade terapêutica, as relações não são pautadas no sujeito diante da morte e, sim, nas máquinas que podem, por algum tempo, deixar aquele sujeito vivo. Isso demonstra que o doente não passa de meros sintomas ou de usuários que em pouco tempo vão deixar o leito hospitalar e dar lugar a outro.

Se por um lado o avanço científico contribui cada vez mais, proporcionando avanços com medicamentos para lidar com várias doenças, substituição de órgãos vitais, tratamento para doenças como câncer, por exemplo; por outro lado não se vislumbra,



nem se cogita como encarar a nossa finitude. Não se trata de colocar a morte em questão e sim de tentar superá-la.

Kubler-Ross (1996) propõe outro tipo de cuidado, não deixando de lado esse tecnicista que fundamenta a ciência. Ela diz “Creio que deveríamos criar o hábito de pensar na morte e no morrer de vez em quando” (KUBLER-ROSS, 1996, p. 41). Cuidar-se diante da morte, é colocá-la em nosso dia-a-dia.

Segundo Castro-Arantes (2016), o que está em jogo é tomar a morte não como uma questão científica e, sim, existencial. Cuidar significa não lidar com aparatos tecnológicos, para tratar pacientes dessa ou daquela maneira. É, antes de tudo, encará-la como parte da nossa existência.

“A minha esperança é que um número maior de assistentes sociais, médicos, estudantes de medicina e enfermeiros tivessem a coragem de avaliar suas atitudes em relação a suas perdas e dores” (KUBLER-ROSS, 2005, p. 22). É necessário entrar em contato com sua própria finitude para que possa cuidar de si e do outro. A morte não é algo que vai possivelmente acontecer; ela é algo que nos é próprio, tanto quanto o respirar.

De acordo com Kubler-Ross (1996), pacientes que enfrentaram com flexibilidade situações penosas no passado tendem a agir do mesmo modo quando se encontram diante da morte. Os mecanismos como negação, raiva, barganha, depressão e aceitação, são modos de cuidado em que o paciente pode vir a usar à medida que lida em sua vida com a morte.

O trabalho persistente e contínuo do terapeuta que lidou suficientemente com seu complexo de morte é que ajuda o paciente a vencer o medo da morte iminente (KUBLER-ROSS, 1996). Cuidado nessa perspectiva significa lidar consigo mesmo e sua finitude. Isso é fundamental tanto para os pacientes fora de possibilidade terapêutica, quanto aos profissionais de saúde.

2.2 Heidegger e o cuidado

Antes de refletirmos sobre o sentido da tese Heideggeriana do cuidado, é necessário situar a problemática que fundamenta a analítica existencial. A saber, a distinção ontológica entre ser e ente. “Chamamos ente muitas coisas em sentidos diversos. Ente é tudo de que falamos dessa ou daquela maneira, ente também é o que e como nós somos” (HEIDEGGER, 2015, p. 42). Ou seja, ente é tudo aquilo que vemos e conhecemos ao nosso redor, mas também o que não vemos e não conhecemos. O ente sempre se manifesta naquilo que ele não é, no ser.

O ser também “é”, não como o ente que é sempre determinado, dessa ou daquela maneira. Porém, na medida em que sendo, o ente se manifesta em seu ser. O que constitui o questionado na questão do ser é o ente, o que resulta na questão do interrogado do ser é o próprio ente. Heidegger (2015), na compreensão de nós mesmos como pessoas já se determinou a compreensão de ser como esse ente, que possui tais e tais características prévias para assumir o lugar de pessoa. Isso também serve para caracterizar entes como objetos como casas, móveis, livros. O ente humano possui em si a diferenciação fundamental dos outros entes, que é a de compreender o próprio ser. O ente que compreende o ser é o *Dasein* que se difere de todos demais entes, porque ao contrário deles, não é algo simplesmente dado (ABDALA, 2017).



Fundamentalmente, o que diferencia o *Dasein* de outros entes, é que em seu ser ele é existência. “Chamamos existência ao próprio ser com o qual o ser-aí pode se comportar dessa ou daquela maneira e com qual ele sempre se comporta de alguma maneira” (HEIDEGGER, 2015, p. 48).

Sendo como sou, comporta-me com as coisas, com os outros e comigo mesmo. (GORNER, 2017) aponta que dizer que o *Dasein* é existente significa que ele compreende a si mesmo, e ao ser dos outros diferentes de si mesmo.

Dasein é a fundamentação que torna possível as coisas serem o que e como são. (ROCHA, 2011). O *Dasein* é a abertura originária onde se torna visível a invisibilidade do ser, como torna visível a manifestação de todos os entes, inclusive a manifestação do ente quem o ser-aí mesmo é, e cuja manifestação fundamental é o cuidado.

Ao relatar sobre o cuidado nos seminários de *Zollikon*, Heidegger (2017) diz que o mal-entendido de Binswanger não consiste tanto em complementar o “Cuidado” com o amor, mas, no fato de que ele não vê que o cuidado tem um sentido existencial, isso é ontológico. Antes de qualquer tipo de interpretação de cuidado em seu sentido ôntico, como cuidar de um filho, ou cuidar de um objeto, o cuidado do ponto de vista da analítica existencial, é o que há de mais essencial para o *Dasein*.

Enquanto cuidado, o ser-aí, na medida em que é, põe em jogo o seu próprio ser como a sua possibilidade mais própria. “O ser-aí não é apenas um ente que ocorre entre outros. Ao contrário, ele se distingue onticamente pelo privilégio de em seu ser, isto é, sendo, estar em jogo seu próprio ser” (HEIDEGGER, 2015, p. 48). É esse próprio estar-em-jogo do próprio ser como possibilidade, que se releva na angústia.

“Enquanto possibilidade de ser do ser-aí, a angústia, junto com o próprio ser-aí que nela se abre, oferece o solo fenomenal para a apreensão explícita da totalidade originária do ser-aí. Esse ser desentranha-se como Cuidado” (HEIDEGGER, 2015, p. 248). A angústia que é um fenômeno que coloca o ser-aí diante do mundo como tal, junto com o próprio ser-aí indica que o cuidado é a totalidade originária do *Dasein*.

Com essa indicação, poderíamos até pensar na seguinte fórmula: “ocupo-me das coisas; preocupo-me com alguém e cuido de quem sou” (KAHLMAYER-MERTENS, 2015, p. 107). Porém, o cuidado não indica uma operação consigo mesmo. O cuidado é uma relação do ser-aí com o espaço fenomenal de realização do seu próprio ser.

Heidegger (2015) chega a indicar em sua obra ‘Ser e tempo’, fenômenos que a princípio podem ser identificados como cuidado: vontade, desejo, tendência e propensão. O cuidado não pode derivar-se desses fenômenos, pois eles mesmos estão fundados nele (HEIDEGGER, 2015). Vemos aqui, o caráter originário do cuidado, é ele que fundamenta qualquer fenômeno e não ao contrário.

Essas são as três características básicas da existência: caráter de jogado, projeção e engajamento. Em sua conexão essencial Heidegger chamará isso de cuidado (GORNER, 2017). Em outras palavras, o cuidado é ser-fora, sempre no mundo a frente de si mesmo, projetando a si mesmo em direção a possibilidades; já-ser-em, morando, habitando e familiarizado com; junto-a, ocupando-se das coisas; preocupando-se com os outros e sendo-si-mesmo.

Porque em sua essência, o ser-no-mundo é cuidado, pode-se compreender nas análises precedentes o ser junto ao manual como ocupação e o ser como copresença dos outros nos encontros dentro do mundo como preocupação (HEIDEGGER, 2015). Estar ocupado com as coisas, por exemplo, com um livro ou com determinado objeto, aponta para cuidado, tanto quanto preocupar-se com alguém. Pois, não se trata de um cuidado



do senso comum, que indica apenas um modo de cuidar de sua saúde, ou cuidar de um familiar enfermo.

Como ocupação é um modo de cuidado do ser-aí, ela não diz necessariamente estar ocupado com alguma coisa. “Modos de ocupação também são modos deficientes de omitir, descuidar, renunciar, descansar (HEIDEGGER, 2015). Ou seja, estar ocupado implica nesse sentido sempre ser cuidado, dessa ou daquela maneira.

O termo utilizado em alemão por Heidegger (2015) é “*Sorge*”, que não só indica cuidado, como também inquietude. O ser-aí é inquieto consigo mesmo, preocupado com os outros e ocupado com as coisas.

Segundo Kahlmeyer-Mertens (2015), o cuidado “*Sorge*” é o que há de mais essencial na existência do ser-no-mundo. Se pudéssemos definir o *Dasein*, seu sentido e seus modos de lidar com o mundo poderíamos determinar o cuidado com tal propriedade. “A resposta Heideggeriana à questão “Qual é o ser do *Dasein*? é: o ser do *Dasein* é cuidado” (GORNER, 2017, p. 17).

2.3 Contribuições Heideggeriana s a teoria sobre a morte e o morrer

Heidegger em ‘Ser e tempo’ (2015) propõe que o morrer funda-se no cuidado. Os modos que cada *Dasein* é, sempre se desvela existencialmente tendo como fundo seu caráter mais próprio de ser para-o-fim.

Segundo Gornier (2017), o caráter projetivo do *Dasein* para suas possibilidades de ser, é sustentado pelo projeto daquela possibilidade que lhe é mais própria, ou seja, a morte. Cada modo que me pertence enquanto ser-no-mundo, eu sou me cuidando sendo para a morte.

Enquanto jogado no mundo o *Dasein* é sempre a frente de si mesmo, projetando a si mesmo as possibilidades do seu mundo (GORNER, 2017). Por exemplo, pertence ao meu ser, enquanto projeção de possibilidade, ser estudante, ser professor, ser psicólogo. Porém, enquanto possibilidade que sou, a morte é deixada de lado no cotidiano.

O que se torna claro é que o *Dasein* em sua cotidianidade tende a fugir da morte. O ser-para-o-fim possui o modo de um escape permanente que desvirtua, compreende e estranha o fato de que o ser aí sempre morre, ou seja, é para o seu fim (HEIDEGGER, 2015). Isso não implica necessariamente numa espécie de adoecimento, em que o cuidado estaria fundamentalmente ligado ao modo que se o homem se cuida. Só demonstra que sendo, o homem tem como fundamento para ser a fuga da morte.

Projetando a si mesmo o *Dasein* deixa de lado sua finitude, agarrando no dia-a-dia em seus projetos e planos futuros. Mas diante da morte, o homem como ser decadente não cessa de fugir. Esquivo-me da morte no anonimato do “agente” (NUNES, 2002). A morte, enquanto visto do mero cotidiano, se apresenta como algo que um dia ocorrerá, tal qual ocorre com todos ao meu redor.

Enquanto Kubler-Ross (1996) indica que cuidar é de certo modo problematizar a morte em momentos da vida; colocando sobre a ótica da fenomenologia hermenêutica, o *Dasein* tende a cuidando-se fugir da morte, entregando-se ao mundo que é familiar para ele (NUNES, 2002).

A morte é esse fim como possibilidade da impossibilidade. Estamos diante do não-ser como essência da existência. O *Dasein* não tem um fim aonde chega e simplesmente cessa, mas existe finitamente (HEIDEGGER, 2015). Os pacientes fora de



possibilidade terapêutica, não estão mais diante da morte do que, por exemplo, uma criança que acaba de nascer e nem se cuidam mais do que essas crianças. Os modos de cuidado são apenas diferentes.

Em outras palavras, os modos de cuidado propostos por Kubler-Ross (1996), colocando-os sobre o ponto de vista existencial tem e fundam suas origens no cuidado originário, ou seja, negação, raiva, barganha, depressão e aceitação são modos de cuidado em que as pessoas, em geral, utilizam. Não como mera expressão do cuidado, mas como desdobramento do cuidado originário. Isto é porque o homem é cuidado desde sempre, ele pode demonstrá-lo dessa ou daquela maneira.

Portanto, cabe ao psicólogo/a que se encontra no ambiente hospitalar, observar que o que consiste originariamente nessas pessoas não é o puro e simples fato de utilizar determinados mecanismos, mas que os mecanismos podem ser lidos como abertura para o esquecimento original. “O ser-para-o-fim não se origina de uma postura que as vezes acontece. Pertence, de modo essencial, ao estar-lançado do ser-aí que na disposição (do humor) se desentranhe dessa ou daquela maneira” (HEIDEGGER, 2015, p. 327).

Se fizéssemos um esforço sobre-humano para encarar nossa própria morte, e analisar as ansiedades que permeiam nosso conceito sobre morte talvez houvesse menos destruição ao nosso redor (KUBLER-ROSS, 1996). A tese proposta na teoria sobre a morte e o morrer é que ao falar da nossa própria morte, colocando-a como algo diante de nós, algo impossível de fuga, os pacientes fora de possibilidade terapêutica, a equipe médica e até a própria família, seguiria sem tanto pavor ao falar desse tipo de questão. Os mecanismos são respostas ao meu próprio modo de lidar com a morte. Não enquanto paciente fora de possibilidade terapêutica, mas sim em vida.

“No domínio do público, pensar na morte já é considerado um temor covarde, uma insegurança do ser-aí e uma fuga sinistra do mundo” (HEIDEGGER, 2015, p. 330). Uma contribuição possível a psicologia, medicina e outras áreas do cuidado hospitalar, é proporcionar a sociedade como tal, observar o discurso acerca da morte, não como um problema, mas como um modo de ressonância do cuidado originário.

Heidegger (2015) diz que no momento em que o ser-para-morte cotidiano tenta pensar a morte, mesmo que o faça de forma crítica e cuidadosa, evidencia-se a maneira em que ele apreende essa certeza. Ao que se sabe todos homens morrem. Existencialmente o *Dasein* foge da morte, cuidando-se.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma reflexão teórica acerca do cuidado, ao analisar como a teoria sobre a morte e o morrer pode ter um fundamento na analítica existencial. O projeto fenomenológico não se trata de jogar fora as teorias propostas, nesse caso, a teoria sobre a morte e o morrer; mas, sim, de provocar um olhar mais amplo sobre o fenômeno, em especial nesse trabalho o fenômeno do cuidado enquanto ser-para-morte.

Trata-se, portanto, de a partir da fenomenologia hermenêutica, situar o cuidado e sua relação existencial com a morte. De acordo com Heidegger (2015), a morte é um modo de ser que o *Dasein* assume no momento em que é. Ou seja, não se trata aqui de observar a morte como evento futuro do qual um dia vai me ocorrer, ela é um existencial do qual o homem sempre é desde o princípio para o fim.



Desse modo, a morte toma um outro significado não de um fim para o homem vivente, mas uma espécie de caráter porvindouro da existência em que todos os modos de ser do homem estão ligados fundamentalmente. O cuidado toma um sentido estrutural na existência humana; não sendo mais visto como um mero ater-se às coisas ou a lidar de determinado modo com minha aparência por exemplo. Cuidado é o existencial que fundamenta o homem enquanto ser para a morte.

Por fim, tendo colocado o cuidado sob a luz da fenomenologia hermenêutica, os modos que a teoria sobre a morte e o morrer propõe são apenas uma possibilidade em que a psicologia hospitalar pode lidar com os pacientes fora de possibilidade terapêutica. Isto é, a fenomenologia propõe uma “espécie de limpeza de terreno” em que cada psicólogo/pesquisador tendo essa abertura no campo compreensivo, pode decidir se segue a proposta teórica por Kubler-Ross (1996), ou se busca uma nova análise acerca dos conceitos fundamentais demonstrada nessa teoria

REFERÊNCIAS

ABDALA, Amir. **A Morte em Heidegger**. 1º ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto. **O Psicólogo no Hospital**. In. V.A Angerami- camon (org). *Psicologia Hospitalar: Teoria e prática*. 2º ed. São Paulo: Cengage Learning. pp. 01-14, 2010.

CASTRO-ARANTES, Juliana Castro-Arantes, Juliana, os feitos não morrem: psicanálise e cuidados ao fim da vida. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, dez.2016. Disponível em://www.redalyc.org/articulo.oa?id=376547462013. Acesso em: 20 de mar. 2019.

ELIAS, Nobert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FOUCAUT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução: Márcio Alves da Fonseca e Salma Thannus Muchail. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 2006.

GORNER, Paul. **Ser e Tempo: Uma chave de Leitura**. Tradução: Marcos Antônio Casanova. 1º ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução: Marcia Sá Cavalcanti Schuback. 10º ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

_____. **Seminários de Zollikon**. Tradução: Gabriella Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado. 3º ed. São Paulo: Editora Escuta Eireli-ME, 2017.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. **10 Lições Sobre Heidegger**. 1º ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

KUBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. Tradução: Paulo Menezes. 7º ed. São Paulo: Martins Fontes editora Ltda, 1996.



_____. **Viver até dizer adeus.** Tradução: Henrique Amat Rêgo Monteiro. 1ºed. São Paulo: Editora Pensamentos,2005.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social: Teoria Método e prática.**21ºed. Petrópolis: Editora Vozes,2015.

NUNES, Benedito. **Heidegger & Ser e Tempo: Filosofia Passo a Passo.** 1º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ROCHA, Zeferino. A Ontologia Heideggeriana do Cuidado e Suas Ressonâncias clínicas. **Síntese- Rev. De Filosofia**, Belo Horizonte, v.38, nº 120, p. 71-89, Jan. 2011.

SIMONETTI. Alfredo. **Manual da Psicologia Hospitalar: O Mapa da Doença.** 2ºed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

Artigo submetido em 30-06-2019
Artigo aceito em 06-08-2019